



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

SILOS MEDIEVAIS DE SÃO VICENTE DE FORA – LISBOA

Nuno F. Poínhas Pires

Núcleo Arqueológico de S. Vicente de Fora. IAP – Instituto de Arqueologia e Paleociências da FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa / nunofpires@netcabo.pt

Resumo

Remonta a meados do século XX a primeira intervenção arqueológica no mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa, a qual se viria a prolongar até à primeira década do XXI. Na área exterior, a que corresponde parte da antiga cerca do mosteiro, foram identificados quatro silos medievais cujas cerâmicas, numismas e restos alimentares encontrados no seu interior permitiram alcançar uma datação desde, pelo menos, o século X, recorrendo inclusivamente ao método do Carbono 14 (C¹⁴). A estratigrafia destas estruturas demonstrou um abandono na sua utilização a partir da centúria seguinte, dando início a um lento processo de entulhamento que apenas seria colmato no século XIV, período em que o local foi convertido em necrópole. Dentro do limite abrangido pela intervenção arqueológica não foram identificados outros silos, porém, é com elevada probabilidade que as quatro covas assinaladas pertencessem a um conjunto mais vasto deste tipo de estrutura que existia, à época, nos baldios limítrofes da antiga cerca velha de Lisboa.

Palavras-chave: S. Vicente de Fora, Silos, Moçárabes, Arqueologia, Lisboa.

Abstract

In the middle of the twentieth century, take place the first archaeological intervention in the monastery of *São Vicente de Fora* in Lisbon, which would extend until the first decade of the XXI century. In the outer area, which corresponds to part of the old monastery yard, archaeologists found four medieval garners contained ceramics, numismatics and food remains in the interior, which allowed to date the structures back to, at least, the tenth century, also corroborated for the method of Carbon 14 (C¹⁴). The stratigraphy demonstrates an abandonment in its use from the following century through a slow process of filling that only would be ended in XIV century, period in which the place had been transformed into cemetery. Within the limits of the archaeological intervention, no other garners were identified, but it is highly probable that the four pits indicated belonged to a larger group of this type of structure, which existed at the time, in the borderlands of the old fence of Lisbon.

Keywords: S. Vicente de Fora, Pits, Moçárabes, Archaeology, Lisbon.

Em outubro de 1147 é reconquistada a cidade de Lisboa ao domínio islâmico, após um longo cerco cristão iniciado em finais de junho do mesmo ano. A iniciativa congregou os esforços do primeiro monarca português, Afonso I (r. 1143-1185), auxiliado por uma frota de cruzados cristãos (predominantemente ingleses, franceses e teutónicos) que se dirigiam à Terra Santa por via marítima para participar na *Segunda Cruzada*. Após a tomada da cidade, o recém eleito monarca consagrou dois templos para cultuar a memória dos cruzados tombados durante o assédio: o Mosteiro de Santa Maria dos Mártires, erigido nos arrabaldes ocidentais de Lisboa, e o Mosteiro de São Vicente de Fora nos arrabaldes orientais (Santa Maria, 1668: 112).

É precisamente na ocorrência deste episódio que nos deparamos com um testemunho relacionado com o presente tema. Conhecida como *De Expugnatione Lyxbonensi*, o documento corresponde a uma carta de autor anónimo dirigida a um tal de Osberto de Bawdsey por um cruzado inglês, na qual o combatente relata os principais acontecimentos testemunhados ao longo das operações de cerco e da tomada da cidade. Na sua narrativa sobressai a seguinte observação: “Saqueada, pois, a cidade, foram encontradas em fossas cerca de oito mil cargas de trigo e de cevada, enquanto as de azeite eram de uns doze mil sextários” (Nascimento, 2018: 143). Portanto, os saqueadores cristãos depararam-se com a presença de silos que conservavam consideráveis quantidades de cereal e azeite. Sobre este episódio, o ilustre historiador Júlio de Castilho acrescenta: “Usavam os moiros de enceleirar em covas, ou *matamoras*, o trigo colhido (...) foram muito provavelmente esses celeiros subterrâneos os que os cercadores exploraram” (Castilho, 1981: 137).

A existência deste tipo de estruturas em arrabaldes urbanos não causa, nem causaria, estranheza. A conservação de alimentos em fossas, principalmente cereais, grãos e sementes, pretendia mitigar os períodos de carência. Lisboa, tal como aponta o testemunho do cruzado inglês e recentes trabalhos arqueológicos, estava dotada de silos e covas para servir o mesmo propósito.

Os arrabaldes orientais de Lisboa, para nascente da cerca velha, que nesta margem confinavam com a Graça e Alfama intramuros, eram no século XII ocupados por polos habitacionais e espaços dedicados a atividades laborais, essencialmente artesanal e piscatória. A este local acedia-se pela Porta de Alfama e pela Porta do Sol (Martins, 2017: 159). Nestes arrabaldes o subsolo era ocupado por silos e por espaços sepulcrais, como o caso de uma necrópole moçárabe

que servia a comunidade cristã, “utilizado desde períodos muito anteriores à presença islâmica” (*ibidem*). Foi precisamente dentro deste espaço fúnebre que foi sepultada parte dos cruzados sucumbidos no assédio de 1147, com especial incidência ao grupo dos teutónicos [Alemanha] (Cunha & Ferreira, 1998: 17), e onde seria erigido, após a reconquista da cidade, o mosteiro de São Vicente de Fora (Galvão, 1906: 116) sobrepondo, intencionalmente, o espaço fúnebre. Em um patamar a sul dos limites do próprio mosteiro, muito próximo deste, foi recentemente identificada parte de um outro espaço fúnebre, neste caso de cunho islâmico, representado por “uma necrópole constituída por 19 enterramentos, depositados em decúbito lateral, orientados para Meca” (Batalha *et al*, 2017: 1752).

A área a que agora nos cingimos, limítrofe ao mosteiro, tem sido intervencionada arqueologicamente desde meados do século XX, colocando a descoberto um conjunto de vestígios da ambiência medieval lisboeta. Os silos representam uma parte das estruturas que têm vindo a ser descobertas.

A dispersão de covas e silos, não apenas medievais, é, inevitavelmente, adaptada ao perfil e características naturais dos solos. Para o caso em apreço recorreremos à descrição de quem intervencionou o subsolo local: “conhecendo a topografia do terreno e as suas características geológicas, é possível perceber que o local é constituído por uma série de socalcos naturais resultantes de falhas na branda rocha calcária, criando patamares relativamente secos e com bom arejamento, onde será possível guardar grão ao abrigo de humidades e de grandes amplitudes térmicas; a proximidade do rio Tejo e o característico regime de ventos devem, decididamente, ter influenciado a escolha” (Ferreira, 2001: 49). Esta observação acompanha a divulgação da descoberta de quatro silos medievais no patamar a norte de São Vicente de Fora, a meia encosta entre o Campo de Santa Clara e o Alto da Graça, no decurso da intervenção arqueológica na antiga cerca do mosteiro (nas Figuras 1 e 2 é visível uma parte do terreno que constituía a antiga cerca do mosteiro, a qual se estendia maioritariamente para norte), ainda dentro da última década do século XX.

Confinados a uma pequena extensão de terreno com cerca de 12 m², os quatro silos encontraram-se bastante próximos entre si (Figura 3). As estruturas estavam totalmente atulhadas e colmatadas por uma terra de tom amarelo claro de transporte pluvial, tendo sido numeradas de I a IV, obedecendo à ordem da sua descoberta. Os silos I e II representam os de maiores dimensões; o silo III encontrou-se cortado na vertical,

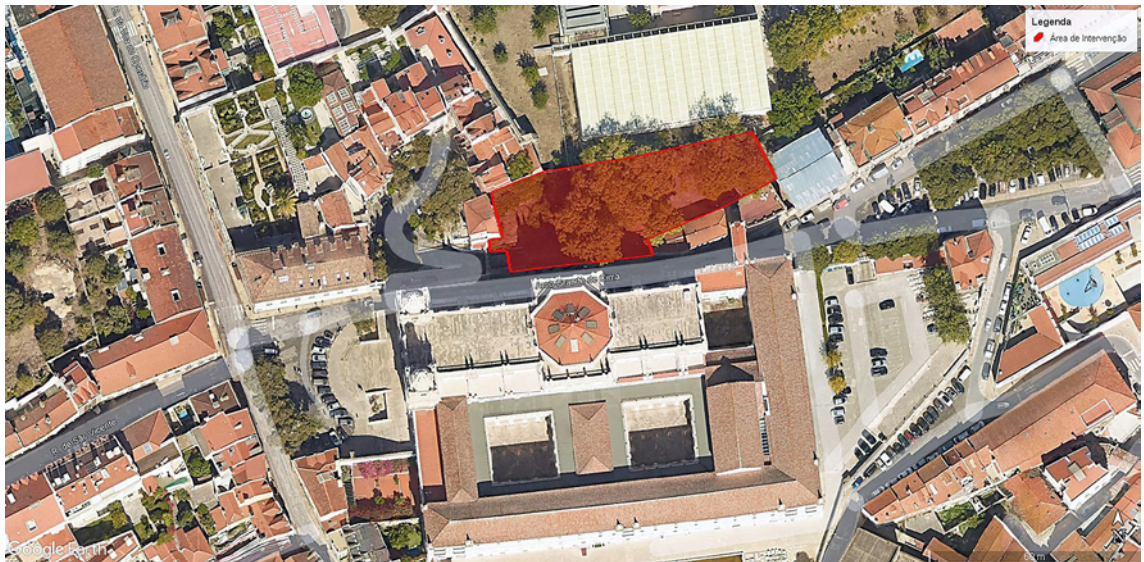


Figura 1 – Ortofoto com localização da área de intervenção, no espaço entre o Mosteiro de São Vicente de Fora e o Liceu Gil Vicente (fonte: Google).



Figura 2 – Vista geral da área de intervenção – sentido nordeste (foto do autor).

sensivelmente a meio, por uma construção posterior do século XVIII, e o silo IV constitui o que aparentava ser “apenas o início de uma perfuração de mais um silo” (Ferreira, 2001: 53). Destaca-se ainda um importante aspeto a que corresponde o facto de os silos I e III se encontrarem sobrepostos por sepulturas do século

XIV sobre a sua embocadura, constituindo um marcador cronológico relativo ao seu completo atulhamento e colmatção. Para uma descrição mais pormenorizada sobre estas estruturas e respetivos conteúdos, seguiremos de perto a publicação do arqueólogo responsável pela intervenção (Ferreira, 2001).

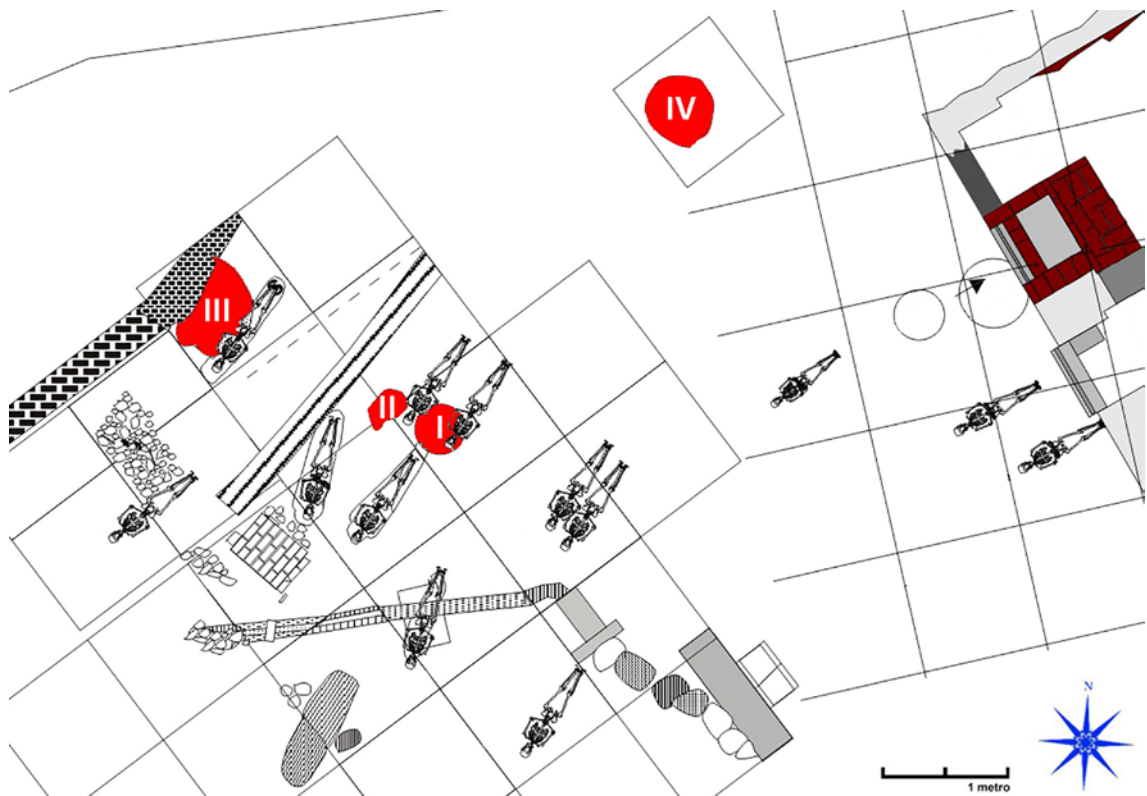


Figura 3 – Representação dos 4 silos encontrados na cerca do mosteiro e cemitério medieval sobreposto (Autoria: F. E. Rodrigues Ferreira).

AS ESTRUTURAS

SILO I – O primeiro silo foi considerado o mais representativo entre os quatro, quer no que respeita ao conteúdo como aos níveis estratigráficos e cronológicos identificados. Tratavam-se, neste caso, de estratos alusivos aos depósitos interiores, aqui colocados entre o momento de abandono e o seu completo entulhamento. De planta circular e com uma silhueta vertical que vai estreitando ligeiramente da base para a superfície, o silo I apresentou uma largura máxima de 1,50m e uma profundidade de 1,95m, o que se reverte em uma capacidade interna de 1755 litros (Ferreira, 2001: 51). Do seu enchimento distinguiram-se cinco estratos diferenciados, sendo o estrato 1 considerado como a camada superior, isto é, a mais próxima da superfície, e o estrato 5 a camada mais funda, assente na base da estrutura.

De ordem mais antiga para a mais recente, o estrato 5 era composto por uma camada de areia que envolvia algumas pedras calcárias com origem no manto geológico local. Neste estrato encontrou-se uma razoável

quantidade de sementes de chícharo (*Lathyrus cicera*) já em avançado estado de fossilização (Ferreira, 2001: 50). No estrato 4, composto por uma terra humosa, encontrou-se na transição deste para o anterior um dinheiro de bilhão do reinado de D. Afonso III (r. 1248-1279). Igualmente preenchido por terra humosa, o estrato 3 continha dois botões, um em osso e outro cerâmico, assim como uma peça de jogo (ric-rac) e uma grande quantidade de cerâmica comum, alguma da qual ainda intacta, totalmente coberta por fuligem, um claro indicador da sua utilização na confecção de alimentos. Ainda neste estrato identificou-se a presença de bastantes restos alimentares, na sua maioria “ossos de mamíferos e peixes, bem como várias espécies de bivalves” (*ibidem*), aspeto que aponta para a utilização deste silo como fossa detritica, vulgo lixeira, durante o período em que este estrato correspondia à camada superior (interior) após a sua desabilitação como silo.

Do conjunto de restos alimentares foi enviada uma amostra de alguns ossos para ser submetida ao processo de datação por radiocarbono (C14), cujos resultados foram: ICEN-942 – SVSI-1-F9-023 – OSSOS DE

MAMÍFEROS – Idade (anos BP) – 1000±45 / Para 1 sigma: 1007-1040 cal DC / Para 2 sigma: 977-1162 cal DC. A baliza cronológica alcançada aponta assim para o século XI, a que corresponderá o período de enchimento da camada detritica de onde foi recolhida a amostra.

O estrato 2, que se sobrepunha ao estrato datado por C14, era composto por uma pequena camada de terra semelhante à anterior, porém, sem quaisquer vestígios de restos alimentares ou de cerâmica. Aqui, assinalou-se apenas a presença de um dinheiro de bilhão do reinado de D. Sancho I (r. 1185-1211) e um objeto em osso caracterizado como ‘porta agulhas’ (Ferreira, 2001: 51). A sobreposição dos estratos indicados até ao momento, do 5 ao 2, representavam a metade inferior do enchimento do silo, sendo a metade superior constituída, em espessura, apenas pelo estrato 1.

O primeiro estrato era constituído por uma terra de tom amarelado, acumulada pelo escorrimento do solo superficial da encosta. No seu interior apenas foi encontrado um único testemunho, um outro dinheiro de bilhão do reinado de Afonso III. Sobre a boca deste silo encontrou-se uma sepultura do século XIV, a qual integrava o conjunto funerário instalado no local durante este período (prolongamento para norte do cemitério medieval do mosteiro de São Vicente de Fora, entretanto barrado a nascente pela construção da muralha fernandina nos anos de 1373 a 1375), o que representa, conforme foi anteriormente assinalado, um indicador cronológico para o completo atulhamento da estrutura.

Em suma, entre os vestígios assinalados no silo I destacamos os numismas e os restos alimentares datados por corresponderem a indicadores cronológicos do enchimento. Sobre as cerâmicas dedicaremos algumas linhas mais adiante. Assim, os restos alimentares apontam para um intervalo que medeia o ano 1000 e 1050, isto é, primeira metade do século XI. Por outro lado, o numisma do reinado de D. Sancho I e outros dois do reinado de D. Afonso III, alargam a cronologia para o intervalo entre 1185 a 1279, ou seja, na transição do século XII para o XIII. Importa aqui destacar dois aspetos: i) apesar de ter sido identificado um dinheiro de bilhão do século XIII no estrato 4, camada abaixo do estrato 3 que continha os restos alimentares datados do século XI, este aspeto pode indicar algum revolvimento de terras na zona de contacto entre estas camadas, o que não seria invulgar considerando o prolongado período de abandono do silo. Importa considerar que os restos alimentares foram encontrados condensados no mesmo estrato, sem vestígios de dis-

persão, e que os estratos superiores obedecem a uma correta ordem cronológica, estabelecida pela recolha dos restantes numismas (estrato 3 datado do século XI, estrato 2 datado do XII e estrato 1 datado do XIII); ii) insistimos no facto de os estratos analisados corresponderem ao período de abandono da estrutura e não ao período de utilização. No que respeita ao intervalo de abandono, e subsequente atulhamento, sobressai o prolongado tempo em que decorreu esta ação, pelo menos entre meados do século XI e meados do século XIV, o que representa um intervalo de cerca de três séculos de enchimento natural (escorrimientos superficiais) e intencional (utilização como lixeira).

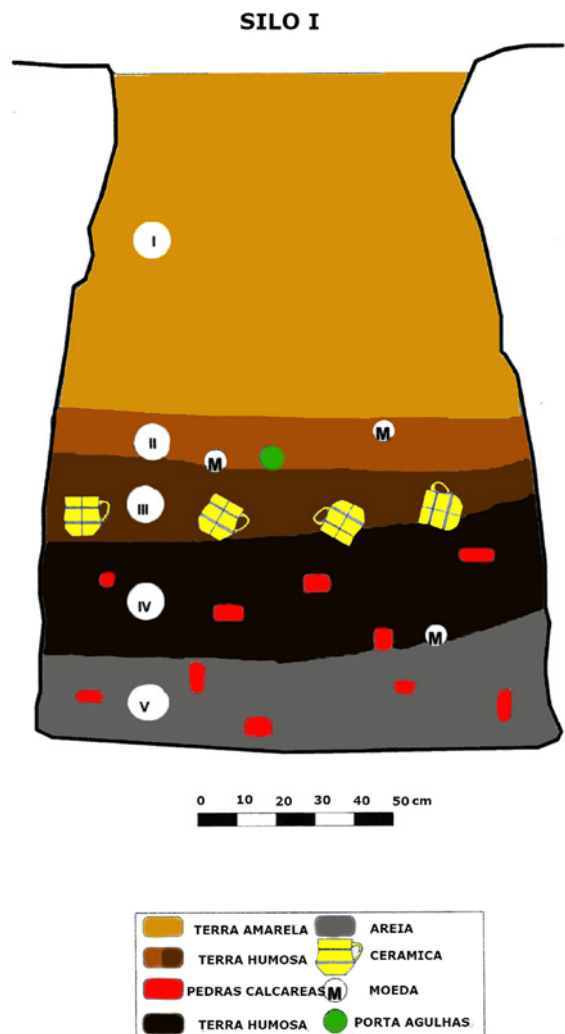


Figura 4 – Representação estratigráfica do silo I (Autoria: F. E. Rodrigues Ferreira).

SILO II – Esta estrutura apresentou dimensões semelhantes ao primeiro caso, apesar de o seu recorte ser inverso ao do silo I, estreitando ligeiramente da boca para a base. O silo II media cerca de 1,30m de largura máxima por uma profundidade de 1,80m, representando uma capacidade de 1800 litros (Ferreira, 2001: 52). O seu conteúdo era composto por três estratos diferenciados.

O estrato 3, na base do silo, era essencialmente formado por uma terra humosa de tom escuro, contendo cerâmica semelhante à identificada no silo I, embora aqui se tenha encontrado muito fragmentada, juntamente com restos de alimentos. Os estratos superiores, 1 e 2, revelaram-se arqueologicamente estéreis, contendo apenas algumas pedras calcárias de diferente calibre a separar estas duas camadas (Ferreira, 2001: 51). Difere entre estes dois estratos a sua espessura e a tonalidade das terras, sendo que a camada superior representa mais da metade de todo o enchimento, composta por um sedimento de tom amarelo claro, enquanto a segunda camada continha um sedimento de tom amarelo escuro. A coloração do sedimento está intimamente relacionada com o manto calcário que nesta área adquire uma tonalidade amarelada, no entanto, a sua mistura com a terra humosa da camada inferior conferiu uma tonalidade mais escura ao estrato 2, o que sugere um enchimento lento do seu interior, processo durante o qual as poeiras transportadas pelos agentes meteóricos foram-se misturando com as terras calcárias do seu interior. O estrato superior (1) é inteiramente constituído por solo superficial sem contaminação com outras terras.

SILO III – Apesar de esta estrutura partilhar algumas características que a aproximavam das anteriores, o seu perfil encontrou-se adulterado. A abertura de uma cisterna para servir uma habitação do século XVIII provocou um corte vertical neste silo, tendo-lhe sido adossado um muro, que constitui uma das paredes da cisterna, em toda a sua altura (Ferreira, 2001: 52). A parte do silo não afetada pela cisterna manteve o seu conteúdo intacto, o que permitiu obter uma leitura estratigráfica, revelando, neste caso, três estratos diferenciados. Não tendo sido possível determinar a largura máxima, registou-se uma profundidade de 1,60m, apontando para uma capacidade (da secção não afetada) estimada em 800 litros (*ibidem*).

O estrato 3, que preenchia a base da estrutura, revelou-se arqueologicamente estéril. Preenchida por um sedimento de tom amarelo escuro, esta camada foi colmatada por pedras calcárias de diferente calibre.

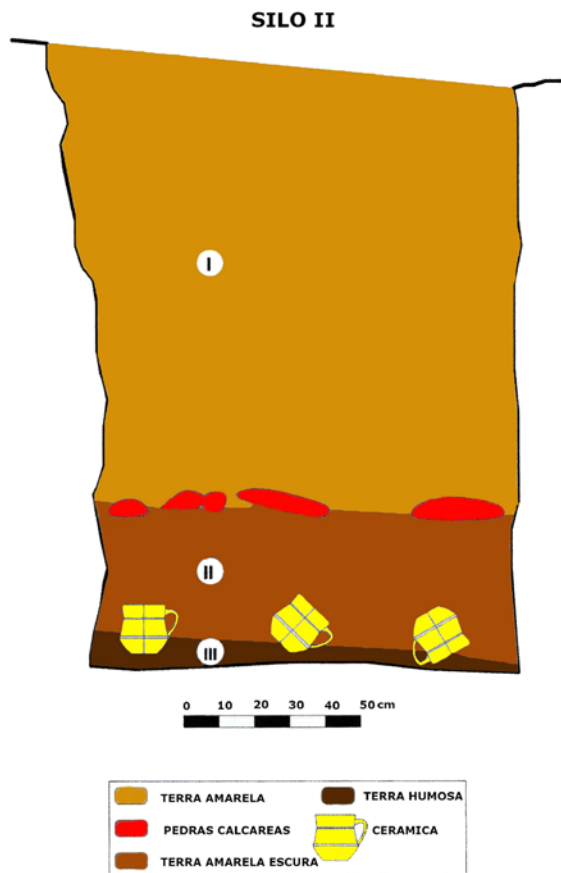


Figura 5 – Representação estratigráfica do silo II (Autoria: F. E. Rodrigues Ferreira).

O sedimento que compunha o estrato 2 apresentava uma tonalidade mais clara que a anterior, porém, mais escura que o solo à superfície, derivado da lenta contaminação pela terra humosa provocada pela escorrência das terras superficiais, fenómeno já observado anteriormente. Dentro deste segundo estrato encontraram-se alguns fragmentos de cerâmica comum disseminados e, apesar de não haver registo de restos alimentares associados esta cerâmica mostrava-se escurecida pelo contacto direto com o fogo, com indícios de utilização na confeção de alimentos. A camada superior, a que correspondia o estrato 1, demonstrou um certo paralelismo com os casos anteriores, representando o estrato de maiores dimensões, arqueologicamente estéril, também aqui ocupando mais da metade de toda a estrutura, preenchido por terra maioritariamente com origem no solo superficial, esta sim de tonalidade amarelo claro.

Tal como se verificou no silo I, à boca do silo III dispunha-se uma sepultura datada do século XIV, inserida no mesmo contexto funerário e, por conseguinte, no mesmo horizonte cronológico.

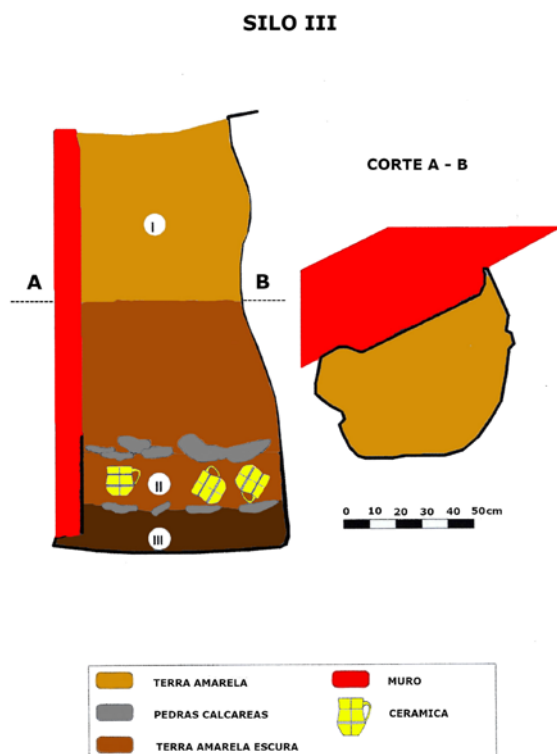


Figura 6 – Representação estratigráfica do silo III (Autoria: F. E. Rodrigues Ferreira).

SILO IV – Por último, a quarta estrutura aparentava constituir apenas o início de uma perfuração para mais um silo (Ferreira, 2001: 53). Apesar das suas reduzidas dimensões, com uma largura pouco superior as 50cm e uma profundidade de apenas 35cm, este silo/cova demonstrou uma semelhança estratigráfica com os anteriores.

A camada de enchimento da base, estrato 3, era constituída por um sedimento de tom amarelo claro, correspondente ao solo superficial (aqui sem contaminação entre solos), não tendo revelado indícios arqueológicos. No estrato 2 o sedimento apresentava um tom amarelo mais escuro, contendo alguns fragmentos dispersos de cerâmica comum, no mesmo horizonte tipológico que os casos anteriores. O estrato 1 encontrou-se colmatado com entulhos do século XIV, sobretudo cerâmicos, coincidentes com o período de ocupação do local pela extensão da necrópole.

SILO IV

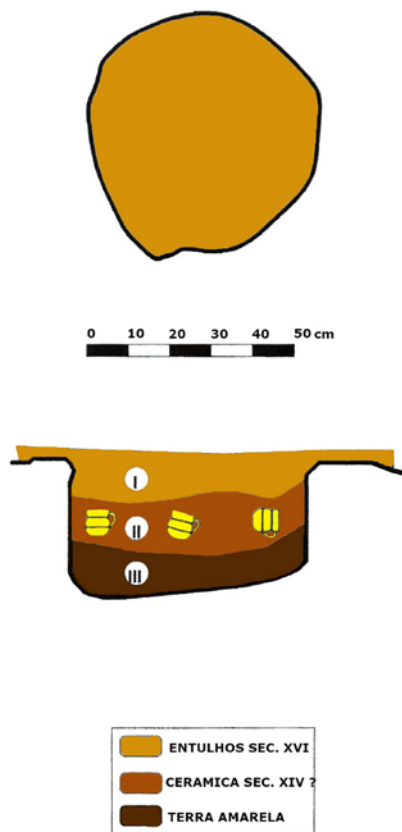


Figura 7 – Representação estratigráfica do silo IV (Autoria: F. E. Rodrigues Ferreira).

CERÂMICA COMUM

Concluída a descrição dos silos e respetivos conteúdos, constatou-se a presença de cerâmica comum em todas as quatro estruturas. Ainda que esta tenha sido encontrada muito fragmentada na sua maioria, principalmente aquela com origem nos silos II e IV, alguns exemplares provenientes do silo I e, em menor representatividade, do silo II, encontraram-se em razoável estado de conservação, com algumas peças ainda intactas e outras contendo a maioria das partes constituintes. Ainda assim, a totalidade dos fragmentos não permitiu a reconstituição de um grande número de peças (Ferreira, 2001: 53). Os exemplares mais completos e bem preservados foram incorporados na exposição permanente de arqueologia do Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora.



Figura 8 – Peças de cerâmica comum provenientes dos silos em exposição no Museu do Mosteiro de S. Vicente de Fora (foto do autor).



Figura 9 – F. E. Rodrigues Ferreira, arqueólogo responsável pela intervenção arqueológica nos silos, em visita orientada aos exemplares expostos (foto do autor).

O conjunto cerâmico divulgado por F. E. Rodrigues Ferreira (Ferreira, 2001) destacava precisamente os exemplares em melhor estado de conservação, cuja tipologia e fisionomia constituem uma referência cronológica. O período considerado retrata uma utilização destas peças por parte da comunidade moçárabe local, a mesma associada ao contexto funerário existente nas imediações, onde hoje se encontra o Mosteiro de São Vicente de Fora (parte da necrópole foi identificada no subsolo da antiga igreja e outra parte identificada no subsolo da moderna sacristia).

O destaque conferido às cerâmicas relaciona estes exemplares com testemunhos diretos da vivência quotidiana da comunidade moçárabe local. Em traços gerais podemos descrever este conjunto como: peças com pasta de textura compacta e coloração castanho escuro, com caneluras horizontais e pintura a engobe branco como decoração, na sua generalidade apresentando a superfície exterior escurecida por fuligem (Cunha & Ferreira, 1998: 136). A sua tipologia e decoração é compatível com cerâmica produzida nos séculos X-XI de influência islâmica. O seu contexto arqueológico encontra-se intimamente relacionado com os vestígios alimentares datados pelo Carbono 14, encontrados nos mesmos estratos das cerâmicas e que apontam para o mesmo período. Podemos concluir, com algum grau de segurança, tratarem-se de vestígios residuais da comunidade moçárabe que ocupava a periferia oriental da cidade antes da reconquista cristã, no espaço que mais tarde viria a delimitar a freguesia de São Vicente de Fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da descoberta destes quatro silos em São Vicente de Fora foi enriquecedora em mais do que uma medida. Além das estruturas em si, o seu maior contributo talvez tenha sido providenciado pelo conteúdo do seu enchimento, o qual se reverte em ecos do quotidiano de uma comunidade medieval lisboeta. Do contexto, contudo, somos confrontados com duas realidades cronológicas distintas: anterior e posterior ao século XII. A primeira confere com o período de ocupação islâmica desde, pelo menos, o século VIII, durante o qual conviveram diferentes comunidades segregadas dentro e fora dos limites amuralhados da cidade. Entre as comunidades religiosas sob domínio islâmico encontrava-se a cristã, cujos integrantes eram os *moçárabes*. A ocupação de uma comunidade cristã nos arrabaldes orientais de Lisboa foi primeiramente identificada pela arqueologia em contexto funerário,

com a identificação de um cemitério visigótico, e posteriormente em contextos do quotidiano. Numa segunda fase, isto é, pós-reconquista cristã, a edificação do mosteiro de São Vicente de Fora potenciou o desenvolvimento urbano local, o qual se prolongou até finais do período medieval.

Apesar de não terem sido encontrados indícios relacionados com o momento de construção dos silos, a sua utilização para armazenamento de grão corresponde ao período de domínio islâmico. O abandono das estruturas, e o inevitável atulhamento, tiveram início a partir do séculos X-XI, conforme demonstrado pela datação de alguns testemunhos recolhidos nos estratos inferiores. O processo de entulhamento revelou-se lento, motivo pelo qual se prolongou após o cerco de 1147, conforme podemos constatar pela presença de três numismas nos estratos identificados na metade inferior das estruturas: um do século XII e dois do século XIII. Ainda no século XIII o entulhamento destes silos estaria sensivelmente pela metade, não estando colmatados, conforme sugere a espessura do estrato 1 nos silos I, II e III, ocupando toda a metade superior. Esta colmatação terá ocorrido lentamente até ao século XIV, conforme nos sugere a presença de duas sepulturas deste período à boca de dois dos silos. Desta forma, verificou-se que todo o processo de enchimento decorreu entre os séculos X-XI até aos séculos XIII-XIV.

No século XIII, encontrando-se estes silos em processo de atulhamento, o rei D. Dinis (r. 1279-1325) ordenou a construção de novas estruturas semelhantes nas proximidades: “olival e campo sobrela Crux cabo do Moesteyro de Sam Vicente defora em o qual mandey fazer covas pera teer o meu pan” (Chancelaria de D. Dinis, Livro I, fl. 171 v, da era de 1324 [1286]). Parte destas estruturas, pelo menos cinco silos, foram identificadas no decorrer de intervenções arqueológicas mais recentes, cuja finalidade teria sido para armazenagem de cereais (Batalha *et al*, 2017: 1751), o que confere com a descrição do documento régio: “pera teer meu pan [pão]”. Apesar das suas dimensões superiores, “apresentando diâmetros de cerca de 6m e profundidade entre os 4m e os pelo menos 7m” (*idem*: 1752), estas partilham de algumas características idênticas comparativamente às mais antigas, nomeadamente o facto de terem sido abertas nos patamares dos arrabaldes orientais de Lisboa, extramuros, e terem-no realizado em uma época anterior à construção da muralha fernandina (século XIV). Como era habitual, e expectável, após o abandono das suas funções passaram também a servir como fossas detriticas.

A identificação deste tipo de estruturas (covas, silos, matamoras) é ainda determinante para o estudo económico e social, principalmente através do seu número, dimensão e dispersão. A variedade de produtos armazenados e as comunidades a que se destinavam, estaria intimamente relacionado com a importância do local e com a sua relação per capita, ainda que os conteúdos se destinassem, maioritariamente, a suprir períodos de carência ou abastecer as populações com produtos fora da época de colheita. Acrescem ainda os inevitáveis atulhamentos que se verificam após o abandono destas estruturas, os quais são suscetíveis em preservar testemunhos das comunidades locais. Apesar do espólio proveniente dos enchimentos ser posterior à sua utilização como espaço de conservação de produtos perecíveis, as comunidades locais mantêm-se sensivelmente as mesmas, pelo que os seus testemunhos, ainda que mais tardios, servem de recurso para a identificação e estudo das mesmas. O caso dos silos medievais de São Vicente de Fora não constituiu a exceção, servindo, inclusivamente, como complemento a outras estruturas relacionadas com a vida e a morte das comunidades locais que têm vindo a ser identificadas através de sucessivas intervenções arqueológicas.

FERREIRA, F. E. Rodrigues (2001) – Os silos medievais de S. de Fora, in *Arqueologia e História*, Vol. 53. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, (pp. 49-66).

FERREIRA, F. E. Rodrigues (2010) – S. Vicente de Fora (o espaço, o tempo, o contexto): Breve abordagem, in *Olisipo, Boletim Grupo Amigos de Lisboa*, II série, N.º 31. Lisboa: Câmara Municipal, (pp. 17-40).

MARTINS, Miguel Gomes (2017) – *1147 A conquista de Lisboa na Rota da Segunda Cruzada*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

NASCIMENTO, Aires (2018) – *A conquista de Lisboa aos Mouros, Relato de um Cruzado*. Lisboa: Biblioteca Clássica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

Chancelaria de D. Dinis, Livro I. Lisboa: Torre do Tombo.

Disponível online: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3813641>.

GALVÃO, Duarte (1906) – *Chronica de El-Rei D. Affonso Henriques*. Bibliotheca de Classicos Portuguezes, Vol. LI. Lisboa: Escriptorio.

SANTA MARIA, Nicolao de (1668) – *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, Vol. I-VII. Lisboa: Officina Joam da Costa.

Estudos

BATALHA, Luísa; NETO, Nuno; PEÇA, Pedro; BRITO, Sara & CARDOSO, Guilherme (2017) – Os silos do palácio de Santa Helena (Lisboa), in *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

CASTILHO, Júlio de (1981) – *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, Vol. II. Lisboa: Sociedade Tipográfica Lda.

CUNHA, Armando Santinho & FERREIRA, F. E. Rodrigues (1998) – *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. Lisboa: Hugin.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt